

V MESA REDONDA INTERNACIONAL SOBRE LVSITANIA ROMANA: LAS COMUNICACIONES

Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras
7, 8 y 9 de noviembre de 2002

Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds)



Edição do Ministério da Cultura.
Madrid, 2004.
ISBN: 84-369-3836-4



AS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS, FONTE PARA O ESTUDO DAS COMUNICAÇÕES-TRÊS EXEMPLOS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

RÉSUMÉ

Étant donné que Prof. M. Salinas de Frías s'était proposé de présenter une communication sur les courants religieux, thème auquel le mien s'attachait, j'avais décidé de rien ne présenter à cette table-ronde. Mais, en fin de comptes, on a mieux pensé et je ne donne que trois exemples de ce qu'on peut envisager comme recherche dans ce domaine en Lusitanie occidentale: le cas des dédicaces à *Trebaruna/Triborunnis*; les dédicants présents au sanctuaire d'*Endovellicus*; et la récente découverte d'une *defixio* à Alcácer do Sal.

As inscrições votivas podem, na verdade, servir de fonte – ainda que indirecta – para o estudo das comunicações na Lusitânia romana, na medida em que, no seu texto, documentam pessoas e deuses cuja origem se pode apontar para outros locais. A igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima numa pequena paróquia alemã estará certamente ligada à presença de imigrantes portugueses, que aí chegaram através de uma via de comunicação; a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe em Espanha atestaria, nesse lugar, uma influência directa de imigrantes franceses.

No território da Lusitânia, a devoção à divindade *Trebaruna* – cujo nome, como se sabe, assume grafias diferentes, porque decerto o som do teónimo não era inteiramente inteligível para os recém-chegados – centra-se em torno da *civitas Igaeditanorum*. Um culto indígena, aí prestado por indígenas como *Tongius Toncetami*, *Igaedita-*

nus miles. Acontece, porém, que, no *ager Olisiponensis*, mais concretamente na *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais), se identificou uma ara dedicada *Triborunni* por *T. Curiatius Rufinus*. Trata-se, sem dúvida, da mesma divindade, de nome grafado segundo outra pronúncia¹. O dedicante não é, porém, um indígena, mas alguém – pelo gentílico (*Curiatius*) – descendente dos primeiros colonos do *municipium* olisiponense, ainda que o *cognomen* (*Rufinus*) se prenda, pela frequência com que aí aparece, com a comunidade local.

Como se explica que um imigrante – ou descendente de imigrantes – escolha para divindade de sua devoção uma divindade indígena? Certamente, porque dela carecia para aí se poder instalar sem lhe ser adverso, pois esse era o território dela protegido. Mas porquê dela e não de qualquer outra?

Nesse aspecto, vieram em nosso auxílio os estudos já empreendidos sobre a onomástica da região, em que ao elemento antroponímico latino se juntou, em diversas epígrafes, o elemento indígena, dito «céltico» pelos primeiros investigadores. Na verdade, ao estudar a epigrafia funerária da região de Sintra, Scarlat Lambrino escrevera:

«En résumé, les inscriptions du territoire d'Odrinhas aussi bien que celles d'Olisipo attestent la présence d'une nombreuse population celtique dans ce territoire compris entre l'embouchure du Tage et la côte de l'Océan. Elle s'est bien romanisée depuis que César a créé le municpe Felicitas Iulia Olisipo, mais elle garde très vives encore ses vieilles traditions celtiques qui se révèlent dans les divinités auxquelles elle ne cesse de rendre un culte. Cette population est un témoin, en pleine époque romaine, de la pénétration celtique le long de la vallée du Tage, que nous connaissons par les champs d'urnes qui s'échelonnent depuis Chaminé, près d'Elvas, en passant par Alpiarça, dans le Ribatejo, jusqu'à Alcácer do Sal, au Sud de l'embouchure du Tage. Arrivée dans ces parages à la fin du Hallstatt, c'est-à-dire au Ve siècle, elle n'a pas disparu, comme on pourrait le croire. Au contraire, elle s'est maintenue suffisamment compacte et vivace, comme nous le prouvent les monuments examinés d'Odrinhas et d'Olisipo».²

Aí residia a explicação. E, afinal, o monumento religioso – e poderíamos também acrescentar-lhe a dedicatória a *Aracus Arantus Niceus* (ou *Arantoniceus*) – veio confirmar essa relação entre duas zonas da Lusitânia, num prenúncio da migração em idêntico sentido que virá a registar-se, séculos mais tarde, a partir de finais da década de 40 do século XX.

¹Sobre este assunto e, de resto, sobre as bases teóricas em que assenta o meu raciocínio, pode ver-se: ENCARNAÇÃO (José d'), «Divindades indígenas peninsulares: problemas metodológicos do seu estudo», *Estudios sobre la Tabula Siarensis* (Anchos de Archivo Español de Arqueología, IX), Madrid, 1988, p. 261-276. Ou ainda: ENCARNAÇÃO (José d'), «Teonímia da Lusitânia romana», *Religião, Língua y Cultura Prerromanas de Hispania*, Salamanca, 2001, 363-372 (Editores: Francisco Villar e M^a Pilar Fernández Álvarez).

²LAMBRINO (Scarlat), «Les inscriptions de São Miguel d'Odrinhas», *Bulletin des Études Portugaises*, n. s., XVI, 1952, p. 134-176 (p. 173).

O segundo caso é assaz conhecido: o do santuário a Endovéllico (S. Miguel da Mota, Terena, Alandroal). Já por diversas vezes o salientámos: as diferentes grafias do teónimo – *Endovellico*, *Indovellico*, *Enobolico*, *Endovolico* – não podem levar-se à conta de erros do lapicida mas sim de sonoridades distintas correspondentes, sem dúvida, a distintas pronúncias, próprias de gentes vindas de áreas diferentes. Aliás, as centenas de devotos são, pela sua onomástica, oriundos não só dos mais diversos estratos sociais como também de áreas (ditas) linguísticas diferenciadas: *Antubellicus Priscus*, *Tusca Olia Tauri f(ilia)*, *Q. Statorius Taurus*, *Sextus Cocceius Craterus Honorinus eques romanus...*³

O santuário funcionou como importante pólo religioso e para aí convergiam, certamente aquando das festas anuais e mesmo ao longo do ano, muitos peregrinos, como acontece com os santuários religiosos actuais e, para tal, os eixos viários tiveram que estar... operacionais e eficientes.

Um terceiro caso em que as manifestações religiosas confirmam o carácter cosmopolita dum centro urbano – sem falarmos já de *Olisipo*, em que a relativa frequência de dedicatórias a divindades ditas «orientais» é bem um sintoma de intenso tráfego comercial com o Mediterrâneo – prende-se com *Salacia*, a actual Alcácer do Sal, quase na foz do rio Sado.

Já os muitos achados arqueológicos haviam demonstrado que ali desembocariam as mais diversas rotas tanto terrestres como marítimas⁴. A recente descoberta, porém, de um texto imprecatório filiável nas *defixiones*, em que alguém invoca *Domine Megare invicte* e lhe roga *Tu, qui Attidis corpus accepisti (...)*, para, mais adiante no texto, adiantar a Átis a promessa do sacrifício de animal – *(H)unc tibi (h)ostia quadripede(m) done, Attis, voveo, si eas iure invenero* – terminando com a invocação *Dom(i)ne Attis, te rogo, per tu(u)m Nocturnum, ut me quam primu(m) compote(m) facias!*... é uma prova mais de que, mesmo no quotidiano, estes cultos oriundos de uma tradição alheia aqui se radicam, por influência, sem dúvida, das gentes muitas que dessas zonas ali convergiam.

Poderemos discutir se, em vez de *Mégara (Megare)*, a esposa de Hércules, se terá querido invocar *Cíbele (Domine Megale)*, tendo o lapicida confundido o lambda com um ró – que, em cursivo, se escreveriam de forma semelhante. Mesmo assim, mediante uma invocação à *Magna Mater*, cujo culto, na verdade, anda intimamente ligado ao de Átis, mesmo assim se documentariam influências estranhas à indígena *Salacia*. E os vestígios desses cultos reforçavam o cosmopolitismo demonstrado pela Arqueologia.

³ Sobre *Endovellicus*, para além do que escrevi, em síntese, in *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 800-805, pode ver-se o mais recente estudo, feito por J. Cardim Ribeiro e incluído no volume *Religiões da Lusitânia (Loquuntur Saxa)*, Lisboa, 2002, p. 79-90.

⁴ Tive ensejo de o assinalar, por exemplo, em comunicação apresentada ao XIV Convegno Internazionale di Studi sobre *L'Africa Romana*, em Sassari (Dez 2000), sob o título «*Salacia et l'Afrique à l'époque romaine*», publicada nas respectivas actas (Roma, 2002, p. 1499-1505).

Estamos, pois, perante movimentos culturais, movimentos demográficos que implicam vias de comunicação. Na verdade, a religião apresenta-se como uma *via* para a eternidade – que implica, porém, a existência de *vias* na terra!